Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Thompson, John B.
A mídia e a modernidade : uma teoria social da mídia / John B. Thompson ; tradução de Wagner de Oliveira Brandão ; revisão da tradução Leonardo Avritzer. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

Título original: The media and modernity.
ISBN 85-326-2079-5

1. Comunicação – Aspectos sociais 2. Mídia – Aspectos sociais I. Título.

98-2583 CDD-302.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Mídia : Sociologia 302.23

JOHN B. THOMPSON

A MÍDIA E A MODERNIDADE

UMA TEORIA SOCIAL DA MÍDIA

Tradução de *Wagner de Oliveira Brandão*

Revisão da tradução: Leonardo *Avritzer*

5ª Edição

EDITORA VOZES
Petrópolis
2002

Há outras maneiras de manter e de renovar tradições entre grupos migrantes que podem provocar tensões e conflitos. As tradições de diferentes grupos estão sempre mais em contato umas com as outras, em parte como resultado das migrações culturais e em parte devido à globalização dos produtos da mídia. Mas este crescente contato entre tradições não vem necessariamente acompanhado pela compreensão mútua dos indivíduos pertencentes a diferentes grupos. Pelo contrário, o encontro de tradições pode dar origem a intensas formas de conflito, dependendo dos vários graus de incompreensão e de intolerância – conflitos que são tanto mais intensos quanto mais ligados estão às mais amplas relações de poder e desigualdade. O caso do escritor Salman Rushdie é um exemplo expressivo deste tipo de conflito cultural. Como um produto da mídia circulando por todo o mundo, *Os Versos Satânicos* precipitaram um violento choque de valores enraizados em diferentes tradições; e embora as barreiras espaciais entre estas tradições tenham sido destruídas pelas migrações culturais e pelos fluxos de comunicação, a linha divisória intransponível da compreensão permanece.

O contato entre tradições pode dar origem também a formas intensificadas de definição de fronteiras. Há um esforço contínuo para proteger a integridade de tradições, e para reafirmar formas de identidade coletiva ligadas a tradições, pela exclusão daqueles que não fazem parte do grupo. Estas atividades de definição de fronteiras podem ter tanto um sentido simbólico quanto territorial – simbólico no sentido de que a principal preocupação pode ser de proteger tradições da intromissão de conteúdos simbólicos estranhos, territorial no sentido de que a proteção de tradições pode vir combinada com a tentativa de ancorá-las em regiões ou lugares particulares com a exclusão forçada de outros. Uma região se torna "uma terra pátria", vista por alguns como suporte de relação privilegiada para um grupo de pessoas cuja identidade coletiva é modelada em parte por um conjunto resistente de tradições. E nós sabemos muito bem como este tipo de atividade – especialmente quando apoiada pelos poderes político e coercitivo – pode se manifestar nas formas mais brutais de violência.

Tratei de algumas das fontes de tensão e de conflito que têm origem na mistura de populações e tradições. Mas deve-se acentuar também que este processo de mistura é uma fonte de enorme criatividade e dinamismo culturais. No campo da literatura ou da música popular, da arte ou do cinema, o entrelaçamento de temas oriundos de diferentes tradições – este contínuo híbrido cultural – está na base de algumas das obras mais excitantes e originais. Ele cria um tipo de insatisfação cultural que constantemente muda de direção, assumindo novas formas e se desligando inesperadamente de convenções estabelecidas[23]. E comprova que, num mundo cada vez mais marcado por migrações culturais e fluxos de comunicação, as tradições estão menos protegidas do que antes das conseqüências potencialmente tonificantes dos inevitáveis encontros com outros diferentes.

7

O Eu e Experiência num Mundo Mediado

Neste capítulo quero focalizar a natureza do eu (self) e a experiência cotidiana num mundo mediado. Meu ponto de partida é a visão de que, com o desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação do self se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir uma identidade coerente para si mesmos. Ao mesmo tempo, o processo de formação do self é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados, que se expandem num leque de opções disponíveis aos indivíduos e enfraquecem – sem destruir – a conexão entre a formação e o local compartilhado. Esta conexão é enfraquecida à medida que os indivíduos têm acesso a formas de informação e comunicação originárias de fontes distantes, que lhes chegam através de redes de comunicação mediada em crescente expansão. Em outras palavras, os indivíduos têm acesso crescente ao que podemos descrever como um "conhecimento não local". Mas a conexão entre a formação do self e o local compartilhado não é destruída, uma vez que o conhecimento não local é sempre apropriado por indivíduos em locais específicos e a importância prática deste conhecimento – o que ele significa para os indivíduos e como ele é usado por eles – é sempre dependente dos interesses dos receptores e dos recursos que lhes são disponíveis no processo de apropriação.

O desenvolvimento da mídia não somente enriquece e transforma o processo de formação do self, ele também produz um novo tipo de intimidade que não existia antes e que se diferencia em certos aspectos fundamentais das formas de intimidade características da interação face a face. Nos contextos de interação face a face, os indivíduos são capazes de formas de intimidade que são essencialmente recíprocas; isto é, suas relações íntimas com os outros implicam um fluxo de ações e expressões, de perdas e ganhos, de direitos e obrigações que correm nos dois sentidos. É óbvio, reciprocidade não quer dizer igualdade. Relações podem ser íntimas e ainda assim podem ser – e muitas vezes são – estruturadas de maneiras assimétricas. Com o desenvolvimento das formas mediadas de comunicação, contudo, novos tipos de relação íntima se tornaram possíveis. No caso da interação mediada, tal como o intercâmbio de cartas ou uma conversa telefônica, os indivíduos podem estabelecer uma

forma de intimidade recíproca, mas que carece de algumas características típicas associadas à partilha de um local comum. Ao contrário, no caso de uma quase-interação mediada, os indivíduos podem criar e estabelecer uma forma de intimidade essencialmente não recíproca. É esta nova forma de intimidade mediada não recíproca, expandida no tempo e no espaço, que distingue, por exemplo, a relação entre um fã e seu ídolo. Pode ser divertida, precisamente porque é livre das obrigações recíprocas características da interação face a face. Mas pode se tornar também uma forma de dependência na qual indivíduos chegam a depender de outros cuja ausência ou inacessibilidade os tornam um objeto de veneração.

Assim como o desenvolvimento da mídia produz uma nova forma de intimidade não recíproca, ela também cria uma nova e distinta experiência mista que vai em sentido contrário às tendências características das sociedades modernas. Nos contextos espaço-temporais da vida cotidiana, as sociedades modernas implicam um grau relativamente alto de segregação institucional e experimental: certos fenômenos sociais (doença, loucura, morte, etc.) são separados dos contextos sociais cotidianos e tratados por instituições especializadas e pessoal profissionalizado. Para muitos indivíduos hoje, a experiência de ver alguém morrendo, ou sofrendo de uma doença crônica ou mental, é um evento mais raro do que corriqueiro. Mas paralelamente a esta segregação ou "seqüestro" de experiências, o desenvolvimento da mídia aumentou a capacidade dos indivíduos experimentarem, através da quase-interação mediada, fenômenos que dificilmente poderiam encontrar na rotina ordinária de suas vidas. Poucas pessoas no Ocidente hoje poderiam se deparar com alguém sofrendo de extrema desidratação ou morrendo de fome, alguém baleado por um atirador isolado ou ferido por estilhaços de morteiro; muitos, porém, já viram estas experiências em seus aparelhos de televisão. Hoje vivemos num mundo no qual a capacidade de experimentar se desligou da atividade de encontrar. O seqüestro das experiências de locais espaço-temporais da vida cotidiana vai de mãos dadas com a profusão de experiências mediadas e com a rotineira mistura de experiências que muitos indivíduos dificilmente encontrariam face a face.

Como os indivíduos encaram o afluxo de experiências mediadas em suas vidas diárias? Eles as recebem seletivamente, é claro, dando mais atenção aos aspectos que lhes são de maior interesse e ignorando ou filtrando outros. Mas eles também lutam para dar sentido a fenômenos que desafiam sua compreensão, e se esforçam para relacioná-los aos contextos e condições de suas próprias vidas. Não é incomum encontrar indivíduos perdidos na tempestade de informações, incapazes de ver alguma saída e paralisados pela profusão de imagens e opiniões mediadas. O problema que muitas pessoas hoje devem enfrentar é o do deslocamento simbólico: num mundo onde a capacidade de experimentar não está mais ligada à atividade do encontro, como podem relacionar experiências mediadas aos contextos práticos da vida cotidiana? Como se podem relacionar com eventos que acontecem em locais distantes dos

contextos em que vivem, e como podem assimilar a experiência de acontecimentos distantes numa trajetória coerente de vida que devem construir para si mesmos?

Voltarei a estas questões mais adiante. Quero começar examinando como a formação do self foi se entrelaçando cada vez mais com as formas simbólicas mediadas. Veremos novos tipos de intimidade criados pela mídia, usando a relação fã-ídolo como um caso limite de intimidade não recíproca. Na terceira seção examinarei a natureza da experiência mediada e suas relações com as experiências vividas, antes de retornar à questão de como os indivíduos devem enfrentar o afluxo de experiências mediadas na vida diária.

O self como um projeto simbólico

Um dos legados menos felizes de muitas críticas da teoria social em décadas recentes – especialmente daquelas formas de teoria social que tiveram mais impacto nos estudos críticos da mídia – foi uma concepção empobrecida do self. Para os autores de uma tradição amplamente "estruturalista", ou cujo enfoque foi influenciado significativamente pelas pressuposições da lingüística estruturalista, o self é visto principalmente como um produto ou idealização de sistemas simbólicos que o precedem. Uma variedade de termos foram introduzidos, desde a "interpelação" de Althusser às "técnicas" e "tecnologias" pessoais de Foucault, para tentar especificar como os indivíduos se tornam sujeitos que pensam e agem de acordo com as possibilidades que lhes vão sendo adiantadas. É óbvio, os sistemas simbólicos dominantes (que alguns costumam chamar de "ideologias" e outros preferem chamar de "discursos") não definem cada movimento do indivíduo. Como num jogo de xadrez, o sistema dominante definirá que movimentos estão ou não estão abertos aos indivíduos – com a diferença não trivial de que, ao contrário do xadrez, a vida social é um jogo que não se pode deixar de jogar.

Neste capítulo desenvolverei uma explicação de self que diverge fundamentalmente do tipo de enfoque esboçado acima. Minha explicação se baseia principalmente na tradição hermenêutica[1], mas traz também uma afinidade com o trabalho dos interacionistas simbólicos e de outros. De acordo com esta explicação, o self não é visto nem como produto de um sistema simbólico externo, nem com uma entidade fixa que o indivíduo pode imediatamente e diretamente apanhar; muito mais do que isto, self é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. É um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade. Esta é uma narrativa que vai se modificando com o tempo, à medida que novos materiais, novas experiências vão entrando em cena e gradualmente redefinindo a sua identidade no curso da trajetória de sua vida. Dizer a nós mesmos e aos outros o que somos é

recontar as narrativas – que são continuamente modificadas neste processo – de como chegamos até onde estamos e para onde estamos indo daqui para a frente. Somos todos biógrafos não oficiais de nós mesmos, pois é somente construindo uma história, por mais vagamente que a façamos, que seremos capazes de dar sentido ao que somos e ao futuro que queremos.

Enfatizar o caráter ativo e criativo do self não é sugerir que ele seja socialmente incondicionado. Pelo contrário, os materiais simbólicos que formam os elementos das identidades que construímos são eles mesmos distribuídos de maneira desigual[2]. Estes recursos simbólicos não estão disponíveis do mesmo modo a todos, e o acesso a eles pode exigir habilidades que somente poucos indivíduos possuem. Além disso, as maneiras que os indivíduos utilizam para se servir dos recursos simbólicos na construção do próprio sentido de self dependerão, até certo ponto, de suas próprias condições materiais de vida, uma vez que os indivíduos ajustam suas expectativas e avaliações aos seus julgamentos continuamente revisáveis daquilo, dadas as circunstâncias de suas vidas, que eles esperariam realisticamente realizar.

Se adotarmos este enfoque geral à natureza do self, veremos que o desenvolvimento dos meios de comunicação teve um profundo impacto no processo de autoformação. Antes do desenvolvimento da mídia, os materiais simbólicos empregados por muitos indivíduos para a formação do self eram adquiridos em contextos de interação face a face. Para muitos indivíduos, a autoformação estava ligada aos locais nos quais eles viviam e interagiam com outros. Seu conhecimento era um "conhecimento local"[3], transmitido de geração em geração através do intercâmbio oral e adaptado às necessidades práticas da vida. Os horizontes de compreensão de muitos indivíduos estavam limitados pelos padrões das interações face a face através das quais a informação fluía. Em alguns casos estes padrões se estendiam bem além dos locais imediatos da vida diária, graças a atividades de viajantes, vendedores ambulantes e outros. Mas mesmo em tais casos, parece provável que a interpretação da informação proveniente de fontes distantes, e transmitida através de extensas redes de interação face a face, tenha sido fortemente modelada por autoridades dentro da comunidade local.

Estas várias condições são alteradas fundamentalmente pelo desenvolvimento dos meios de comunicação. O processo de formação do self se torna mais e mais dependente do acesso às formas mediadas de comunicação – tanto impressas quanto eletronicamente veiculadas. O conhecimento local é suplementado, e sempre mais substituído, por novas formas de conhecimento não locais que são fixadas num substrato material, reproduzidas tecnicamente e transmitidas pela mídia. O conhecimento técnico é gradualmente separado das relações de poder estabelecidas pela interação face a face, à medida que os indivíduos vão sendo capazes de ter acesso a novas formas de conhecimentos não mais transmitidos face a face. Os horizontes de compreensão dos indivíduos se alargam; eles não se estreitam mais nos padrões de

interação face a face, mas são modelados pela expansão das redes de comunicação mediada. A mídia se torna, nos termos de Lerner, "um multiplicador da mobilidade", uma forma vicária de viajar que permite ao indivíduo se distanciar dos imediatos locais de sua vida diária.

Ao abrir novas formas de conhecimento não local e outros tipos de material simbólico mediado, o desenvolvimento da mídia enriqueceu e acentuou a organização reflexiva do self. Ele enriqueceu esta organização no sentido de que, quando os indivíduos têm acesso a formas mediadas de comunicação, eles se tornam capazes de usar um extenso leque de recursos simbólicos para construir o self. Como os materiais simbólicos intercambiados em interações face a face, os materiais mediados podem ser incorporados ao processo de formação do self; mais e mais o self se torna organizado como um projeto reflexivo através do qual incorpora materiais mediados (entre outros) a uma coerente e continuamente revisada narrativa biográfica[4]. O desenvolvimento da mídia também aprofunda e acentua a organização reflexiva do self no sentido de que, com a expansão dos recursos simbólicos disponíveis no processo de sua formação, os indivíduos são continuamente confrontados com novas possibilidades, seus horizontes estão continuamente se alargando, seus pontos simbólicos de referência estão continuamente mudando. Torna-se mais e mais difícil recorrer a estruturas de compreensão relativamente estáveis que tomam corpo nas tradições orais e se ligam a locais particulares. A organização reflexiva do self se torna cada vez mais importante como uma característica da vida social – não porque ela não existisse antes, mas porque a tremenda expansão dos materiais simbólicos mediados abriu novas possibilidades para a formação do self, apresentando novas demandas de uma maneira e numa escala que antes não existiam.

A acentuação mediada da organização reflexiva do self pode ter conseqüências inquietantes, tanto para os indivíduos como para as comunidades de que eles fazem parte. A profusão de materiais simbólicos pode fornecer aos indivíduos os meios de explorar formas alternativas de vida de um modo imaginário e simbólico; e conseqüentemente permitir-lhes uma reflexão crítica sobre si mesmos e sobre as reais circunstâncias de suas vidas. Através de um processo de distanciamento simbólico, os indivíduos podem usar os materiais mediados para ver suas próprias vidas numa nova luz – como os espectadores chineses no estudo de Lull, para os quais a atração de ver os noticiários internacionais na televisão recaía menos no conteúdo explícito das notícias do que na oportunidade de ver cenas de rua em cidades estrangeiras, e de perceber como outras pessoas viviam em outras partes do mundo, uma percepção que lhes daria um ponto de comparação para refletir criticamente sobre suas próprias condições de vida[5].

Até agora me preocupei em destacar algumas maneiras nas quais o desenvolvimento da mídia enriqueceu e acentuou a organização reflexiva do self, mas ainda não

insisti nos aspectos mais negativos desta relação. Quero agora considerar vários aspectos nos quais o crescente papel dos produtos da mídia pode ter conseqüências negativas para a formação do self. Descreverei estas como (1) a intrusão mediada de mensagens ideológicas; (2) a dupla dependência mediada; (3) o efeito desorientador da sobrecarga simbólica; e (4) a absorção do self na quase-interação mediada.

1) A noção de ideologia foi muito debatida e muito criticada em anos recentes, tanto que alguns analistas prefeririam deixar a noção completamente de lado. Este não é meu ponto de vista. Tentei mostrar em outro lugar que a noção de ideologia ainda tem um útil e importante papel na análise das formas simbólicas, desde que esta noção se liberte de algumas pressuposições que lhe impingiram no passado[6]. Propus uma dinâmica e pragmática concepção de ideologia que focaliza a atenção nas maneiras em que as formas simbólicas servem, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de domínio. De acordo com esta concepção, formas simbólicas específicas não são ideológicas *per se*: elas são ideológicas somente e até onde servem, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar sistematicamente relações assimétricas de poder.

Se conceituarmos ideologia desta maneira, poderemos ver que o desenvolvimento da mídia aumentou grandemente a capacidade de transmitir potencialmente mensagens ideológicas através de extensas faixas de espaço e de tempo, e de reimplantar estas mensagens numa multiplicidade de locais particulares; em outras palavras, ele criou as condições para a intrusão mediada de mensagens ideológicas nos contextos práticos da vida diária. Contudo, é importante enfatizar o caráter contextual da ideologia: mensagens mediadas podem ser ideológicas, dependendo de como serão recebidas pelo indivíduo e incorporadas reflexivamente em sua vida. Textos e programas da mídia repletos de imagens estereotipadas, mensagens tranqüilizadoras, etc., podem de fato ser recebidas pelos receptores e usadas de maneiras as mais inesperadas. Para entender o caráter ideológico das mensagens da mídia, deve-se considerar como estas mensagens são incorporadas nas vidas dos receptores, como elas se tornam parte de seus projetos de formação de self e como elas são usadas por eles nos contextos práticos de vida.

Este não é o lugar para discutir questões metodológicas levantadas por esta concepção de ideologia e sua utilidade para a análise das formas simbólicas mediadas – examinei estas questões com mais detalhes em outro lugar[7]. Aqui quero me concentrar nos mais amplos e substantivos aspectos desta explicação. Enquanto o desenvolvimento da mídia enriqueceu e acentuou a organização reflexiva do self, e a reflexiva apropriação das mensagens da mídia pode ter conseqüências inquietantes para o indivíduo e para as relações de poder, seria enganador e inadequado sugerir que estas conseqüências são *sempre* perturbadoras. Claramente não são; parece claro que em alguns contextos a apropriação das mensagens da mídia serve para estabilizar e reforçar

as relações de poder, mais do que para as romper ou enfraquecer. Além disso, quando formas simbólicas mediadas são incorporadas reflexivamente aos projetos de formação do self – como, por exemplo, as concepções de masculinidade e feminilidade, de identidade étnica, etc. – então as mensagens da mídia podem assumir um papel ideológico bastante poderoso. Elas se tornam profundamente internalizadas no self e são expressas menos em crenças e opiniões explícitas, do que no modo como o indivíduo se porta no mundo, no modo como se relaciona consigo mesmo e com os outros e, em geral, no modo como entende os contornos e os limites de si mesmo.

2) Vejamos agora um segundo aspecto no qual o desenvolvimento da mídia pode ter conseqüências negativas para o processo de formação do self. Enquanto a disponibilidade dos produtos da mídia serve para enriquecer e acentuar a organização reflexiva do self, ao mesmo tempo a torna extremamente dependente de sistemas sobre os quais o indivíduo tem relativamente pouco controle. Isto é o que chamo de dupla dependência mediada: mais o processo de formação do self se enriquece com as formas simbólicas mediadas, mais o indivíduo se torna dependente dos sistemas da mídia que ficam além do seu controle. A este respeito, reflexividade e dependência não são necessariamente opostas uma à outra. O aprofundamento da organização reflexiva do self pode vir acompanhado por uma crescente dependência de sistemas que fornecem materiais simbólicos para a sua formação.

A dupla dependência mediada faz parte da tendência característica mais geral das sociedades modernas. Descrevi como, com o desenvolvimento das modernas sociedades, os indivíduos são obrigados a recorrer a si mesmos para construir com os recursos materiais e simbólicos disponíveis um coerente projeto de vida. O self se torna mais e mais organizado como um projeto reflexivo através do qual ela constrói, na forma de autobiografia narrativa, a própria identidade. Ao mesmo tempo, contudo, os indivíduos se tornam cada vez mais dependentes de um leque de instituições e sistemas sociais que lhes proporcionam os meios – tanto materiais quanto simbólicos – de construção de seus projetos de vida[8]. A entrada no sistema educacional, no mercado de trabalho, no sistema de assistência social, etc. são possíveis movimentos no projeto de vida a que um indivíduo pode aspirar, mas as possibilidades de fazer estes movimentos são diversamente distribuídas e dependentes de decisões alheias. O acesso a estes e a outros sistemas é governado por agências e processos que muitos indivíduos dificilmente podem de alguma maneira influenciar; e ainda assim estas agências e processos podem ter um impacto muito importante nas chances e na própria percepção de vida dos indivíduos. Este é o paradoxo com o qual as pessoas se confrontam cada vez mais neste século XX: a acentuação da organização reflexiva do self acontece sob condições que tornam o indivíduo ainda mais dependente de sistemas sociais sobre os quais tem relativamente pouco controle.

Este paradoxo da reflexividade e dependência – ou, nos termos de Beck, da individualização e institucionalização – é um aspecto penetrante da vida social moderna;

e de maneira nenhuma é restrito à dominação da mídia. Mas se atentarmos para a relação entre o desenvolvimento da mídia e o processo de formação do self, poderemos avaliar a importância deste paradoxo. Assim como a crescente disponibilidade dos produtos da mídia fornece meios simbólicos para que os indivíduos se distanciem dos contextos espaço-temporais da vida diária e construam projetos de vida que incorporem reflexivamente as imagens e idéias mediadas recebidas, assim também os indivíduos se tornam cada vez mais dependentes – com relação à formação do self e ao que se poderia chamar genericamente de vida da imaginação – dos sistemas complexos para a produção e transmissão de formas simbólicas mediadas, sistemas que a maioria dos indivíduos dificilmente pode controlar.

3) A crescente disponibilidade dos materiais simbólicos mediados pode não somente enriquecer o processo de formação do self: pode também ter um efeito desorientador. A enorme variedade e multiplicidade de mensagens disponíveis pela mídia pode provocar um tipo de "sobrecarga simbólica". Os indivíduos se confrontam não apenas com uma outra narrativa autobiográfica que lhes permite refletir criticamente sobre suas próprias vidas, não somente com uma outra visão do mundo que contrasta com seus supostos pontos de vista: eles se confrontam com inúmeras narrativas autobiográficas, inúmeras cosmovisões, inúmeras formas de informação e comunicação que dificilmente poderiam ser coerente e efetivamente assimiladas. Como os indivíduos podem enfrentar este fluxo sempre crescente de materiais simbólicos mediados?

Em parte através de um processo seletivo do material que eles assimilam. Somente uma pequena porção dos materiais simbólicos mediados disponíveis aos indivíduos são assimilados por eles. Mas os indivíduos também desenvolvem sistemas de conhecimento que lhes permitem seguir um determinado rumo através da densa floresta de formas simbólicas mediadas. Estes sistemas podem fazer parte das redes da mídia – como, por exemplo, quando indivíduos confiam nas opiniões de críticos do cinema ou da TV para fazer suas próprias escolhas. Mas os indivíduos também dependem comumente de outros com quem interagem todos os dias, e cujas opiniões aprenderam a respeitar como fonte de conselho experiente sobre como tais materiais devem ser interpretados, quais materiais simbólicos devem ser assimilados ou rejeitados.

A confiança em outros significantes como uma fonte de conselho experiente no que diz respeito às mensagens da mídia foi bem documentada em vários estudos, desde a obra mais antiga de Katz e Lazarsfeld a uma variedade de estudos mais recentes[9]. Consideremos, por exemplo, o estudo de Janice Radway sobre os leitores de ficção romântica[10]. Ávidos leitores de ficção romântica são confrontados com uma desconcertante oferta de livros. Dezenas de novos títulos são publicados ou reeditados todos os meses. Como eles podem enfrentar com êxito esta avalanche de novos materiais? Em parte eles desenvolvem seus próprios sistemas experimentais que lhes permitem exercer seletividade – por exemplo, eles conhecem os autores e impressos que mais lhes agradam, sabem como interpretar a propaganda dos editores e decodificar a iconografia da capa. Mas os indivíduos procuram também conselho com outros cujas opiniões aprenderam a valorizar. No caso dos leitores de Radway, o papel desempenhado por uma atendente da livraria local, Dorothy ("Dot") Evans, foi crucial. Dot era extremamente conhecedora do mundo da ficção romântica, e muitas mulheres na comunidade local confiavam nela como uma fonte de conselho sobre romances que se deveriam ler ou não. Elas chegaram a confiar no julgamento de Dot, porque seu conselho para experimentar novos autores e novos tipos de romance era independente de qualquer editor particular e sua ajuda diminuía os riscos de desapontamento e de gastos inúteis. Além disso, Dot começou a publicar um informativo: "Diário de Leitura de Romance de Dorothy", que levava seus conselhos a outros leitores que não lhe conheciam da livraria. À medida que sua reputação cresceu, os editores começaram a enviar-lhe provas de livros no prelo na esperança de conseguir alguma crítica no informativo. Dot foi assumindo cada vez mais o papel de intermediária cultural que ajudava os leitores a selecionar a abundante produção das casas editoras e lhes permitia encontrar – com ajuda de seu conselho experiente – os romances particulares que iriam satisfazer suas necessidades.

Este exemplo ilustra bem como os indivíduos constroem sistemas práticos de conhecimento para enfrentar o sempre crescente fluxo de formas simbólicas mediadas. É óbvio, o desenvolvimento de sistemas práticos de conhecimento não se restringe à esfera de apropriação dos produtos da mídia pelos indivíduos. Em outras esferas da vida – aprendendo como enfrentar, por exemplo, os relacionamentos pessoais, ou como ajustar-se a doenças graves – os indivíduos comumente constroem sistemas de experiência prática que lhes permitem examinar minuciosamente opções e esquadrinhar as opiniões de profissionais e de outros[11]. E, ao construir estes sistemas, eles se servem dos produtos da mídia. Livros, manuais, programas de rádio e de TV, etc., fornecem uma constante fonte de conselhos para enfrentar as dificuldades e complexidades da vida. Novamente, os leitores de Radway ilustram bem este ponto: apoiando-se na experiência de Dot para selecionar seus romances entre inúmeros títulos disponíveis, eles incorporam as mensagens extraídas dos textos num sistema de habilidade prática para tratar os relacionamentos pessoais e enfrentar as demandas da vida diária. Ler romance de ficção é uma lição prática de como administrar um relacionamento que promete muito mas oferece bem menos, e no qual o caminho da felicidade é semeado de obstáculos dolorosos que devem ser confrontados, suportados e finalmente vencidos. É, como diria Geertz, uma forma de educação sentimental[12].

O desenvolvimento da mídia é assim uma parte integrante de uma característica dinâmica mais ampla das sociedades modernas, uma dinâmica que se pode descrever como o efeito recíproco de complexidade e experiência prática. Na proporção em

que o ambiente social dos indivíduos vai crescendo em complexidade (em parte através da maciça oferta de formas simbólicas mediadas), os indivíduos vão construindo sistemas de conhecimento prático (extraídos em parte de materiais mediados) que lhes permitem enfrentar esta complexidade e as demandas da vida no mundo moderno. A mídia assim tanto contribui para o crescimento da complexidade social quanto proporciona uma fonte constante de conselhos sobre como enfrentá-la.

4) Vejamos agora um quarto aspecto em que o desenvolvimento da mídia pode ter conseqüências negativas para o processo de formação do self. Tentei mostrar que o desenvolvimento da mídia cria um novo tipo de situação interativa – que chamei de quase-interação mediada. Para muitos indivíduos, a participação na quase-interação mediada é um entre tantos aspectos da atividade social diária; materiais simbólicos mediados são recursos ricos e variados para o processo de formação do self, embora não sejam os únicos nem os principais. Os indivíduos também se servem extensamente de materiais simbólicos intercambiados em interações face a face com membros da família, amigos e outros que eles encontram no curso de suas vidas cotidianas. Contudo, é claro que em alguns casos os indivíduos podem confiar muito mais nos materiais simbólicos mediados; estes materiais se tornam menos um recurso de que eles se servem e que eles incorporam reflexivamente em seus projetos de vida, do que um objeto de identificação a que eles se apegam forte e emocionalmente. O caráter reflexivo do self, pelo qual elas são capazes de incorporar materiais simbólicos (mediados ou de alguma outra maneira) num processo relativamente autônomo de formação do self, desaparece quase imperceptivelmente em alguma outra coisa: o self é absorvido por uma forma de quase-interação mediada.

A absorção do self não necessariamente implica uma suspensão da reflexividade; antes, ela poderia ser vista como um tipo de extensão e acentuação do caráter reflexivo do self. É precisamente porque o indivíduo é capaz de incorporar reflexivamente materiais simbólicos mediados num processo de autoformação, que estes materiais podem se tornar fins em si mesmos, ideais simbólicos ao redor dos quais o indivíduo começa a organizar sua vida e seu sentido. Por isso a absorção do self na quase-interação mediada não é um fenômeno qualitativamente diferente da organização reflexiva do self: é uma versão dele, de tal modo que os materiais simbólicos mediados não são simplesmente um recurso para o self, mas sua preocupação central.

Por que os materiais simbólicos mediados têm este poder de atração sobre os indivíduos? O que há com a natureza da quase-interação mediada que pode tornar-se não apenas uma forma de envolvimento social entre outros, mas antes a principal forma de envolvimento em torno da qual outros aspectos da vida social do indivíduo e seu próprio self são organizados? Para responder estas perguntas precisamos examinar um pouco mais o caráter distintivo da quase-interação mediada e as formas de envolvimento, em nível de intimidade pessoal, que ela torna possíveis.

Intimidade não recíproca à distância

Há dois aspectos da quase-interação mediada que são de particular importância para a natureza dos relacionamentos pessoais que surgem através da mídia. Primeiro, como a quase-interação mediada se estende através do espaço e do tempo, ela possibilita uma forma de intimidade com outros que não compartilham o mesmo ambiente espaço-temporal; em outras palavras, ela possibilita uma "intimidade à distância"[13]. Segundo, como a quase-interação mediada não é dialógica, a forma de intimidade que ela estabelece não tem caráter recíproco, isto é, não implica o tipo de reciprocidade característica da interação face a face.

Este tipo distintivo de intimidade não recíproca à distância tem algumas atrações para os indivíduos como também alguns custos. Permite aos indivíduos desfrutar alguns dos benefícios da companhia sem as exigências típicas dos contextos de interações imediatas. Dá aos indivíduos a oportunidade de explorar relações interpessoais de uma forma vicária, sem entrar na teia de compromissos recíprocos. Os outros distantes com quem se trava conhecimento em interações mediadas são figuras que podem ser encaixadas em nichos espaço-temporais da vida de cada um mais ou menos *ad libitum*. São companheiros regulares e confiáveis que proporcionam diversão, conselhos, informações de acontecimentos importantes e remotos, tópicos para conversação, etc. – tudo de uma forma que evita exigências recíprocas e complexidades que são características de relacionamentos sustentados através de interações face a face.

O caráter não recíproco dos relacionamentos mediados não implica que os receptores fiquem à mercê dos outros distantes e não possam exercer qualquer controle; pelo contrário, o próprio fato de que os outros não estejam situados no ambiente espaço-temporal dos receptores, e geralmente não participem de interações face a face, significa que os receptores têm bastante liberdade para modelar o tipo de relacionamento que eles desejam estabelecer e sustentar com seus companheiros distantes. Parte da atração deste tipo de intimidade criada pela quase-interação mediada consiste precisamente nisto: é um tipo de intimidade que deixa os indivíduos com a liberdade de definir os termos de engajamento e de intimidade que desejam ter com os outros. A própria concepção que os indivíduos têm daqueles que chegam a conhecer através da mídia é relativamente livre das características definidoras da realidade próprias da interação face a face.

De uma forma ou de outra, muitos indivíduos nas sociedades modernas estabelecem e sustentam relações de intimidade não recíprocas com outros distantes. Atores e atrizes, astros e estrelas e outras celebridades da mídia se tornam familiares e íntimas figuras, muitas vezes assunto de discussão e de conversa rotineira na vida diária dos indivíduos. Mas é claro também que em alguns casos estas relações não recíprocas de intimidade podem assumir uma importância maior nas vidas de certos indivíduos.

Elas podem se tornar aspectos tão importantes da vida de um indivíduo, ao ponto de eclipsar outros aspectos, redefinindo outras formas de interação diária, algumas vezes com resultados dolorosos e confusos. Considere-se o relato de Joanne, uma mulher de 42 anos, casada e mãe de três crianças:

> Quando eu tenho relações sexuais com meu marido, imagino que é com Barry Manilow. Todo o tempo. E depois, quando acabamos e eu percebo que não é, começo a chorar. Normalmente está escuro quando as lágrimas fluem e de alguma maneira consigo escondê-las.
>
> Isto também acontece com muitas pessoas. Eu não tinha percebido quantas, até o dia em que me envolvi com as fãs de Barry. Muitas delas são casadas e têm a minha idade, sentem do mesmo jeito e fazem a mesma coisa. É confortador saber que não sou a única.
>
> Mas ainda assim não é fácil algumas vezes. Pode ser muito, mas muito incômodo, porque freqüentemente, além de tudo o mais, tenho este terrível sentimento de culpa...
>
> Suponho que seja o mesmo tipo de coisa que as pessoas buscam na religião. Eu não posso explicar mais do que isto. Mas eles certamente conseguem alguma coisa de Deus para ajudá-los a tocar a vida para a frente. E Barry é – talvez eu não devesse dizer isto, mas é como eu sinto – ele é este tipo de coisa. Ele me ajuda a viver!
>
> Mas também não é só isto. Eu sinto atração por ele. Eu estou definitivamente apaixonada por ele. É o que descrevo como um caso de amor unilateral. Ele é o meu amante em minhas fantasias. Ele é o meu amigo quando estou deprimida. Ele está lá e parece me oferecer algo que preciso para continuar a viver[14].

Esta franca e desconcertante confissão é sem dúvida excepcional, mas é interessante pela luz que ela lança sobre a natureza das relações de intimidade não recíprocas com outros distantes. O caso de amor unilateral de Joanne com Barry Manilow tornou-se um aspecto integrante de sua vida, de tal modo que ela não o pode excluir dos relacionamentos íntimos que ela mantém nas interações face a face. Como um outro distante encontrado principalmente através da mídia, Barry Manilow é um maleável objeto de afeição, um companheiro que pode ser chamado à vontade e que se pode modelar de acordo com os desejos, sentimentos e sonhos de Joanne. Ele é um companheiro cuja distância dos contextos práticos da vida diária é uma das fontes de seu irresistível apelo, uma vez que é esta distância que o eleva e lhe dá permanente disponibilidade numa forma mediada ou imaginária, para que Joanne possa imaginá-lo como ela gostaria que ele fosse. E ainda assim a intrusão deste relacionamento não recíproco nos contextos da vida cotidiana pode ser uma fonte de confusão e até de certa dor. Pode ser difícil suportar a culpa de saber que se está levando uma vida dupla, reconstituindo com uma pessoa um relacionamento íntimo numa interação face a face, enquanto se imagina com uma outra pessoa – alguém, na verdade, com quem nunca se poderá estabelecer nada mais do que uma relação recíproca de intimidade à distância.

Joanne desenvolveu uma relação de intimidade não recíproca com Barry Manilow antes de se envolver com as fãs de Barry, mas este envolvimento foi um novo passo importante: deu-lhe a sensação de fazer parte de uma coletividade de indivíduos que compartilham preocupações semelhantes. Este senso de pertença foi uma fonte de reafirmação – "É confortador saber que não sou a única". O que é um fã? O termo particularmente não ajuda muito, uma vez que sugere muitas imagens estereotipadas (a multidão de adolescentes lutando para conseguir um olhar de seu astro preferido, o solitário obsessivo que ameaça matar a pessoa que adora, etc.). O termo é uma abreviatura de "fanático" e foi provavelmente usado pela primeira vez no século XIX para descrever os espectadores entusiastas do esporte. Embora hoje o termo seja utilizado numa forma amplamente descritiva, ele não perdeu, entretanto, a conotação de fervor religioso, de delírio e de possessão demoníaca transmitida por sua origem etimológica.

A tietagem é um aspecto ordinário e rotineiro da vida diária: é organizar a própria vida de tal maneira que, seguindo uma certa atividade (como espectador esportivo), ou cultivando uma relação com alguns produtos ou gêneros da mídia, isto se torna a preocupação central do self e serve para governar uma parte significante da própria atividade e interação com outros. Ser fã é uma maneira de se organizar reflexivamente e de se comportar no dia a dia. Visto desta maneira, não há uma clara linha divisória entre ser fã e não o ser. É somente uma questão de gradação – até que ponto um indivíduo se orienta e modifica sua vida de acordo com certas atividades, produtos ou gêneros.

Em muitos casos, uma importante parte do ser fã está no cultivo de relações não recíprocas de intimidade com outros distantes. Há muitos indivíduos, como Joanne, para quem a atividade de ser fã se enraíza numa relação de intimidade não recíproca, e é esta relação que dá sentido e objetivo para as atividades associadas ao fato de ser fã. Mas há formas de admiração exaltada que não implicam necessariamente o cultivo intensivo de relações de intimidade não recíproca; muitos fãs de esporte, por exemplo, podem desenvolver laços de fidelidade com times particulares mais do que com jogadores particulares. Além disso, ser fã tipicamente implica muito mais do que uma orientação afetiva para com um outro distante. Fãs se ocupam de uma variedade de atividades sociais práticas, como colecionar discos, fitas, vídeos e outros produtos da mídia; construir coleções de lembranças, recortes de jornais, revistas, fotos etc.; ir a concertos, filmes, partidas, etc.; escrever cartas a outros membros do fã-clube; associar-se a fãs-clubes e participar de suas reuniões e convenções; e, o que é mais importante, ocupar-se em conversas regulares – face a face, ou pelo telefone, ou ainda através de redes de computadores – com outros indivíduos com os quais têm muito pouco em comum exceto o fato de serem fãs.

Aqueles que estudaram fãs destacaram o fato de que o mundo do fã é muitas vezes um mundo social complexo e altamente estruturado com suas próprias convenções,

suas regras de interação e formas de experiência, suas hierarquias de poder e prestígio, suas práticas de canonização, suas divisões entre o conhecedor e o amador, o fã e o simpatizante, etc.[15] O mundo do fã pode ser dependente dos produtos da mídia disponíveis, mas estes produtos são assumidos, transformados e incorporados num universo simbólico estruturado e habitado somente por fãs. Entre os mais dedicados fãs, este processo transformativo pode se tornar extremamente elaborado, resultando na criação de uma nova geração de livros, vídeos, trabalhos de arte, etc., que, embora tenham sido calcados nos produtos da mídia originais, muitas vezes vão bem além deles[16]. Mas a participação no mundo do fã freqüentemente assume formas menos elaboradas. Cartas intercambiadas entre fãs são cheias de palavras codificadas e conhecimento esotérico que ajudam a tornar o mundo do fã algo especial: um mundo separado dos outros que, que embora possam ver os mesmos programas, ouvir as mesmas músicas ou ler os mesmos livros, não organizam suas vidas em torno destas atividades nem as tornam um aspecto integrante do próprio self.

Por que alguém deveria desejar se tornar um fã? O processo de se tornar um fã pode ser entendido como uma estratégia do self – isto é, uma maneira de desenvolver o autoprojeto através da incorporação reflexiva de formas simbólicas associadas à tietagem. Pois para os indivíduos que estabeleceram uma relação de intimidade não recíproca com um outro distante, tornar-se fã é uma maneira de estender e consolidar esta relação; é uma maneira de reconstituir um relacionamento que não pode se realizar em contextos de interação face a face. (Mesmo em ocasiões em que a distância que normalmente separa o fã de seu ídolo é temporariamente suspensa – como, por exemplo, num concerto ao ar livre –, a não reciprocidade do relacionamento é geralmente mantida; um concerto é uma ocasião para fãs reconstituírem uma relação de intimidade não recíproca com outros distantes cuja distância foi temporariamente suspensa.) Ao proporcionar aos indivíduos meios de reconstituir um relacionamento ou criar laços, a tietagem tem muito a oferecer. Dá aos indivíduos meios de drenar uma rica fonte de materiais simbólicos que podem ser usados para desenvolver uma relação de intimidade não recíproca ou cultivar laços, e que podem desse modo ser incorporados reflexivamente no projeto de formação do próprio self.

A tietagem têm outras atrações também. A mais importante é a possibilidade de se tornar parte de um grupo ou comunidade, de desenvolver uma rede de relações sociais com outros que compartilham a mesma orientação. A comunidade de fãs é bastante distinta de outros tipos de comunidade. É uma comunidade que não se restringe a um lugar particular. Fãs podem se reunir de tempo em tempo, como quando se encontram em concertos ou convenções, mas sua associação não se baseia na partilha de um local comum. Por isso muitas formas de comunicação mediada – cartas, informativos, telefone, computadores, etc. – são importantes para o desenvolvimento da comunidade de fãs. Esta é uma comunidade com a qual os indivíduos podem se envolver profundamente em níveis pessoal e emocional. Em parte este envolvimento

advém do fato de que muitas pessoas ainda consideram com muita reserva os fan(áticos). É uma atividade estigmatizada que, em alguns contextos, pode provocar sentimentos de culpa e de insegurança. Encontrar-se na companhia de companheiros-viajantes pode ser uma fonte de enorme alívio da culpa e da dúvida que pesam sobre um self estigmatizado.

Mas o profundo envolvimento pessoal e emocional de indivíduos com a comunidade de fãs é também um testemunho do fato de que ser fã faz parte integrante do projeto de formação do self. É precisamente porque os indivíduos abrigaram uma parte significante da própria identidade na experiência de ser fã, que a associação com outros fãs pode ser imensamente gratificante. Associar-se a outros fãs é descobrir que as escolhas que se fez na construção do próprio projeto de vida não são inteiramente idiossincráticas. É descobrir que a trajetória de vida que se escolheu coincide significativamente com trajetórias de vida de outros, de tal maneira que certos aspectos do self – incluindo, em alguns casos, os próprios desejos e sentimentos mais íntimos – podem ser compartilhados com outros sem nenhuma vergonha.

Se nós entendermos desta maneira a exaltada devoção dos fãs, compreenderemos por que para alguns indivíduos a experiência de ser fã assume um significado ainda maior. Para muitos indivíduos, ser fã é simplesmente um entre outros aspectos do projeto de vida que constroem para si mesmos. Eles se movimentam entre o mundo dos fãs e os contextos práticos de suas vidas cotidianas com relativa facilidade. Eles não perderam de vista as fronteiras simbólicas que separam estes mundos; na verdade, é a própria existência destas fronteiras, e a capacidade de cruzá-las sem grandes problemas, que constituem o prazer de ser fã. Mas para alguns indivíduos, as atrações da comunidade de fãs podem se tornar opressivas. A experiência de ser fã pode se tornar um tipo de dependência compulsiva da qual o indivíduo não pode mais sair com facilidade. O indivíduo torna-se mais e mais preocupado com o cultivo da relação de intimidade com um outro distante (ou com o desenvolvimento de um vínculo semelhante); o self vai sendo paulatinamente absorvido pelo mundo do fã. Quando isto ocorre, o indivíduo pode encontrar dificuldade de perceber a distinção entre os dois mundos. Estes mundos se tornam inextricavelmente misturados, e o projeto do self se torna inseparável da experiência de ser fã e passa a ser modelado por ela.

Com esta fusão do self com o outro, do mundo do fã com o mundo da vida cotidiana, o indivíduo pode começar a sentir que está perdendo o controle de sua vida. Ser fã pode gradualmente cessar de ser uma atividade que se escolheu, uma atividade entre outras tantas que comportam as ocupações práticas do self; pode tornar-se uma atividade que não se pode mais dispensar. A narrativa autobiográfica do self interliga-se com a narrativa do outro de tal maneira que não se pode mais separar uma da outra. "O astro-ídolo expressa algo lá em cima que é muito real para você e com o qual você acaba se confundindo; sua vida se torna cativa da vida dele"[17]: esta visão, de

uma ex-fã de David Bowie, mostra como a reflexiva apropriação dos materiais simbólicos mediados pode gerar preocupações compulsivas de que o self gradualmente perde o controle. "Mas você é uma outra pessoa" – ela continua a dizer, refletindo sobre suas experiências passadas – "com uma outra história para contar"[18].

"Desseqüestração" e a mediação da experiência

A formação de relações de intimidade não recíprocas com outros distantes não é o único modo de experiência que os indivíduos podem ter através da mídia. Mais geralmente, a mídia torna disponível um leque de experiências que os indivíduos normalmente não adquirem nos contextos práticos da vida. Podemos avaliar a importância deste fenômeno se o abordarmos de uma perspectiva histórica. O desenvolvimento das sociedades modernas implicou um complexo reordenamento das esferas de experiências. Com a emergência de sistemas especializados de conhecimento como a medicina e a psiquiatria, e instituições especializadas como hospitais, hospícios e asilos de vários tipos, certas formas de experiências foram gradualmente sendo removidas dos locais da vida diária e concentradas em ambientes institucionais particulares. A experiência, por exemplo, de doenças crônicas (físicas ou mentais) ou da morte de um ente querido, para muitas pessoas foi modelada por um leque de instituições que se especializaram no cuidado de doentes terminais. Estas e outras formas de experiência foram separadas dos contextos práticos da vida diária e reconstituídas em instituições especializadas, cujo acesso pode ser restrito ou controlado de várias maneiras.

Talvez um dos exemplos mais dramáticos desta "seqüestração" da experiência possa ser encontrado no desenvolvimento de prisões e asilos para doentes mentais a partir do século XIX. Estas instituições forçosamente isolaram certas categorias de indivíduos do resto da população e as encerraram dentro de altos muros e seguros portões[19]. Nos séculos anteriores os indivíduos condenados por crimes eram submetidos a formas públicas de humilhação e castigo, como o açoite, o ferro de marcar, o pelourinho e a forca; os criminosos eram marcados fisicamente e expostos em praça pública para todos verem. Mas do século XIX em diante, criminosos condenados foram cada vez mais enclausurados em instituições longe das vistas da população. Hoje o castigo de criminosos condenados, como o tratamento de doentes mentais, não são mais fenômenos que as pessoas encontram rotineiramente no curso da vida diária. São fenômenos destinados a especialistas e que muitos indivíduos vêem, quando vêem, como algo extraordinário.

Mas a seqüestração institucional da experiência veio com um outro desenvolvimento que de alguma maneira o neutraliza: a maciça expansão de formas mediadas de experiência. Justamente quando muitas formas de experiência foram separadas dos contextos práticos da vida diária e reconstituídas em ambientes institucionais es-

pecializados, os indivíduos se confrontam com uma explosão de formas de experiências mediadas. E algumas destas formas de experiência separadas do fluxo normal da vida cotidiana foram reintroduzidas – talvez até ampliadas e acentuadas – através da mídia. Enquanto raramente encontramos certos tipos de doença e de morte nos contextos práticos da vida de todos os dias, podemos muito bem ter experiência e algum conhecimento delas, através da mídia.

A desseqüestração da experiência através da mídia é um importante desenvolvimento, mas ela conta apenas parte da história. Pois a mídia torna disponíveis formas de experiência que são totalmente novas, independente de terem sido gradualmente separadas (ou não) do fluxo normal da vida cotidiana. Quem quer que veja a televisão hoje, com uma freqüência moderada, já deve ter assistido a inúmeras mortes naturais ou violentas (tanto simuladas quanto reais), terá visto crianças morrendo de fome ou de epidemias, terá presenciado guerras, conflitos e supressões de demonstrações públicas, que ocorrem em partes diferentes do mundo. Terá visto assassinatos, golpes de estado, revoluções e contra-revoluções – terão visto estes e muitos outros eventos desdobrando-se diante deles em suas TVs, eventos que não poderiam ter sido vistos pela maioria das pessoas antes do advento da TV. A mídia produz um contínuo entrelaçamento de diferentes formas de experiência, uma mistura que torna o dia-a-dia de muitos indivíduos hoje bastante diferente do experimentado por gerações anteriores.

Como deveríamos entender esta mistura de diferentes formas de experiência? Como analisaremos seus aspectos constitutivos e suas conseqüências? Começarei com uma larga distinção entre dois tipos de experiência. Seguindo Dilthey e outros autores dentro das tradições hermenêutica e fenomenológica, usarei o termo "experiência vivida" (*Erlebnis* para Dilthey) para me referir à experiência adquirida no curso normal da vida diária[20]. É a experiência que adquirimos no fluxo temporal de nossas vidas; ela é imediata, contínua e, até certo ponto, pré-reflexiva, no sentido de que geralmente precede qualquer ato de reflexão explícito. A experiência de vida, como eu irei construir aqui, é também uma experiência situada, no sentido de que a adquirimos em contextos práticos da vida cotidiana. São atividades práticas do nosso dia-a-dia e de nosso encontro com outros em contextos de interação face a face que lhe dão o conteúdo.

Podemos distinguir experiência vivida neste sentido daquilo que chamo de "experiência mediada". Esta é o tipo de experiência que adquirimos através da interação ou quase-interação mediadas, e se diferencia da outra de muitas maneiras. Aqui me concentrarei na experiência adquirida através da quase-interação mediada e examinarei quatro aspectos nos quais ela se diferencia da experiência vivida.

Em primeiro lugar, experimentar eventos através da mídia é experimentar eventos que, em sua grande maioria, estão distantes espacialmente (e talvez também temporalmente) dos contextos práticos da vida diária. São eventos que dificilmente seriam presenciados diretamente no curso das atividades normais da vida diária. Por

isso eles são eventos que, para os indivíduos que os assistem pela mídia, têm um caráter refratário: isto é, são acontecimentos que muito improvavelmente serão afetados pelas ações destes indivíduos. Eles estão fora do alcance e, portanto, fora do controle de quem os assiste. Eles são também eventos que, em virtude de seu distanciamento espacial (e quiçá também temporal), não afetarão diretamente ou perceptivelmente as vidas dos indivíduos que os experimentam através da mídia. Pode haver conexões causais entre os eventos experimentados através da mídia e os contextos práticos da vida cotidiana, mas estas conexões muito provavelmente implicam muitos intermediários e são muito extensas para permanecerem imperceptíveis.

Um segundo aspecto da experiência mediada é que ela acontece num contexto diferente daquele onde o evento de fato ocorre. Experiência mediada é sempre experiência recontextualizada. É a experiência de eventos que transpiram em locais distantes e que são reimplantadas, através da recepção e apropriação dos produtos da mídia, nos contextos práticos da vida diária. O caráter recontextualizado da experiência mediada é a fonte tanto de seu charme quanto de sua capacidade de chocar e desconcertar. Seu charme: a mídia possibilita aos indivíduos deslocarem-se com relativa facilidade, e sem alterar os contextos espaciais ou temporais de suas vidas, para novos e diferentes espaços de experiência. Espaços de experiências não estão delimitados por contextos espaciais ou temporais, mas lhes são sobrepostos, de tal maneira que o indivíduo pode se movimentar entre eles sem alterar o contexto prático de sua vida diária. Mas o caráter recontextualizado da experiência mediada é também fonte de sua capacidade de chocar e desconcertar, precisamente porque esta experiência ocorre num contexto que pode estar muito distante – no espaço e no tempo, mas também em termos de condições materiais e sociais de vida – do contexto em que o evento mesmo acontece. O caráter chocante e desconcertante das imagens televisivas do Sudão, da Bósnia, da Somália, de Ruanda e de outros lugares provém não somente das desesperadas condições de vida daqueles povos veiculadas por estas imagens, mas também do fato de que suas condições de vida se distanciam dramaticamente dos contextos dentro dos quais estas imagens foram reimplantadas. É o contraste de contextos, de mundos divergentes que subitamente se unem numa experiência mediada, que choca e desconcerta. Quem não sentiu a necessidade, de vez em quando, de se afastar das imagens que aparecem na televisão, de fechar temporariamente o espaço de experiência aberta por ela, e de retornar às tranqüilizantes realidades da própria vida diária?

Um terceiro aspecto da experiência mediada tem a ver com o que descrevo como "relevância estrutural"[21]. Se entendemos o self como um projeto simbólico que o indivíduo vai modelando e remodelando no curso de sua vida, fica fácil ver também que este projeto implica um conjunto de prioridades continuamente modificáveis que determinam a relevância ou não de experiências reais ou possíveis. Este conjunto de prioridades faz parte integrante do projeto de vida que cada um constrói para si. Não damos a todas as experiências o mesmo peso, mas nos orientamos para aquelas que fazem parte das prioridades do projeto do self que queremos. Deste ponto de vista, portanto, as experiências atuais ou potenciais são estruturadas em termos de relevância para o self.

Tanto a experiência vivida como a experiência mediada são estruturadas deste jeito, mas as características da experiência mediada modificam-lhe um pouco a relevância estrutural. Vejamos primeiro a experiência vivida. Nos caminhos da vida diária, a pessoa vive continuamente imersa em experiências; estas experiências são contínuas, imediatas e, até certo ponto, inevitáveis. As experiências vividas formam um ambiente para o self; é a experiência de eventos que ocorrem (ou de outros que estão situados) imediatamente no mesmo local espaço-temporal, e que o self pode potencialmente influenciar através de suas ações (ou com quem ela pode potencialmente interagir). A relevância da experiência vivida para o indivíduo é inquestionável, porque é principalmente através dela que o projeto do self é formado e reformado todos os dias.

No caso da experiência mediada, a relevância estrutural é um pouco diferente. A experiência mediada geralmente implica acontecimentos que estão distantes no espaço (e quem sabe também no tempo) e que são refratários aos indivíduos que os experimentam. Por isso a experiência mediada afeta o self de um modo tênue, intermitente e seletivo. A experiência mediada não é um fluxo contínuo, mas uma seqüência descontínua de experiências que têm vários graus de relevância para o self. Para muitos indivíduos cujos projetos de vida estão enraizados em contextos práticos da vida diária, muitas formas de experiência mediada têm pouco significado para suas vidas: elas podem ser intermitentemente interessantes, ocasionalmente divertidas, mas elas não são as questões de maior interesse. Mas os indivíduos também se servem seletivamente da experiência mediada, enlaçam-na com a experiência vivida que forma o tecido conectivo de suas vidas diárias; e se a experiência mediada for de fato incorporada reflexivamente no projeto do self, ela pode adquirir uma profunda e permanente relevância.

Para cada indivíduo em particular, poderíamos construir um mapa da relevância estrutural de diferentes formas de experiência ao longo dos caminhos diários da vida. Num dos pólos do espectro está o indivíduo que valoriza somente a experiência vivida e que tem relativamente pouco contato com formas mediadas, o projeto do self é modelado praticamente pela experiência vivida. Embora experiências mediadas possam ocorrer ao longo de sua vida, elas não afetam grandemente o self: podem ser notadas, talvez lembradas para o desempenho de determinadas tarefas, mas permanecem periféricas com relação aos íntimos interesses do self. No outro pólo do espectro está o indivíduo que colocou a experiência mediada no centro de seu projeto do self, ela se torna um aspecto integral e regular de sua vida. Levada ao extremo, a experiência mediada pode se confundir com a experiência vivida ou até suplantá-la,

de tal maneira que o indivíduo dificilmente saberá distinguir uma da outra, como já vimos no caso do dedicado fã.

Para muitos indivíduos, a relevância estrutural de diferentes formas de experiência se situa em algum lugar entre estes dois pólos acima descritos. Ao se moverem através da trajetória espaço-temporal de suas vidas cotidianas, eles adquirem tanto experiências vividas como mediadas, incorporando-as num projeto de vida em contínua evolução. Eles organizam seus caminhos no espaço e no tempo de tal maneira que certas experiências mediadas se tornem aspectos planejados e integrantes — o noticiário da noite, por exemplo, os episódios de um seriado televisivo, os capítulos de uma novela, ou o horário esportivo de domingo à tarde. O planejamento das experiências mediadas é um índice de sua relevância para o self: e quanto mais relevantes elas parecerem ao indivíduo, mais ele as integrará no seu planejamento diário. E a rotina acaba fixando-as como aspectos integrantes da vida diária. Mas mesmo quando experiências mediadas se tornam rotineiras, elas muitas vezes têm uma tênue relação com o self, precisamente porque os eventos experimentados através da mídia acontecem em locais distantes dos contextos práticos da vida cotidiana.

Consideremos agora um quarto e último aspecto da experiência mediada, que descrevo como "não espacialização comunal". No caso da experiência vivida, o que tem em comum na experiência é ligado ao local compartilhado e à sobreposição das trajetórias de vida em circunstâncias comuns da vida diária. À medida que os indivíduos têm experiências em comum, no sentido de experiência vivida, este partilhamento está muitas vezes enraizado no fato de que os contextos da vida prática desses indivíduos são os mesmos ou muito semelhantes: o que há de comum na experiência vivida está enraizado na proximidade espacial. É este partilhamento de experiências vividas que formou a base de muitos tipos tradicionais de organização política, como os sindicatos e os partidos políticos de base popular. É claro, estes tipos tradicionais de organização política muitas vezes fizeram uso extensivo de comunicação mediada, na forma de jornais partidários, panfletos, etc. Mas fundamentalmente eles se enraizavam em certo partilhamento de experiências vividas e compartilhadas em condições de vida comuns, e a comunicação mediada foi usada justamente para chamar a atenção sobre esta base comum.

Contudo, o desenvolvimento da comunicação mediada cria um novo tipo de experiência que corrói estes tipos tradicionais de organização política, pois é um tipo de experiência em que o que há de comum não está mais ligado à partilha de um mesmo local comum. Os indivíduos podem ter experiências similares através da mídia sem compartilhar os mesmos contextos de vida. Isto não quer dizer que os contextos de vida dos indivíduos sejam irrelevantes para a natureza e a importância de experiências mediadas: pelo contrário, como repetidamente já acentuei, os contextos de vida dos indivíduos têm um papel crucial na recepção, na apropriação e na incorporação dos produtos da mídia. Mas, diversamente da experiência vivida, o partilhamento de experiência mediada não se enraíza na proximidade espacial. O fato de indivíduos partilharem experiências idênticas ou semelhantes, no sentido de experiências mediadas, tem muito menos a ver com a proximidade espacial e a imbricação das trajetórias de vida, do que com o seu acesso comum às formas mediadas de comunicação. No próximo capítulo tratarei das implicações políticas deste fato. Antes consideremos de um modo mais geral algumas das conseqüências de viver num mundo no qual a experiência mediada se tornou mais e mais penetrante.

Novas opções, novas responsabilidades: vivendo num mundo mediado

Como é viver num mundo cada vez mais permeado de formas mediadas de informação e comunicação? Que acontece com o self num mundo onde a experiência mediada desempenha um papel crescente e substancial nas vidas diárias dos indivíduos? Muitos textos recentes de teoria social e cultural sugerem maneiras de responder estas perguntas: a profusão de mensagens e imagens mediadas dissolveu efetivamente o self como uma entidade coerente. O self foi absorvido por uma desarticulada exibição de símbolos mediados. À proporção que o indivíduo se torna mais e mais aberto às mensagens mediadas, o self se torna mais e mais disperso e descentrado, perdendo qualquer unidade ou coerência que possa ter. Como as imagens refletidas num espelho, o self se torna um jogo sem fim de símbolos que mudam a cada momento. Nada é estável, nada é fixo, e não há entidade separada da qual estas imagens são o reflexo: na idade de saturação da mídia, as múltiplas e mutáveis imagens *são* o self[22].

Até que ponto é convincente esta explicação do self e do impacto da comunicação mediada? Certamente é uma explicação de alguma influência: oculta-se em muitas obras associadas ao pós-modernismo[23], mesmo que raramente seja assumida explicitamente. Mas como caracterização do self na idade contemporânea da mídia, esta explicação é, na minha opinião, um tanto falha. O self não foi dissolvido pela profusão de mensagens mediadas, e a metáfora da refração no espelho não capta muito bem a difícil situação do self no mundo contemporâneo. O self foi transformado, as condições de sua formação foram alteradas; mas nós precisamos considerar esta transformação de um modo diferente.

Com a crescente disponibilidade de materiais mediados, o self, entendido como um projeto simbólico organizado reflexivamente, tornou-se cada vez mais desembaraçado dos locais e contextos da vida cotidiana. Apesar de situados nestes contextos e de organizar muito de suas vidas em termos das demandas levantadas por eles, os indivíduos também podem experimentar/vivenciar eventos distantes, interagir com outros à distância e deslocar-se temporariamente para outros microcosmos mediados que, dependendo de seus interesses e prioridades, exercem graus variados de contro-

le e de poder. À proporção que estas experiências mediadas vão sendo incorporadas reflexivamente ao projeto de formação do self, a natureza do self também vai se transformando. Não é dissolvida ou dispersa pelas mensagens da mídia, mas aberta por elas, em vários graus, para influências provenientes de locais distantes.

Viver num mundo mediado implica um contínuo entrelaçamento de diferentes formas de experiência. Para muitos indivíduos, durante o percurso de suas vidas diárias, as experiências vividas continuam a produzir poderosa influência no projeto de formação do self: pensamos em nós mesmos e em nossas trajetórias de vida, principalmente, em relação aos outros e a eventos nos quais encontramos (ou podemos encontrar) contextos práticos de nossas vidas cotidianas. Contudo, se comparamos nossas vidas hoje com as vidas de indivíduos que viveram dois ou três séculos atrás, parece claro que a estrutura da experiência mudou de várias e significativas maneiras. Enquanto experiências vividas permanecem fundamentais, há uma crescente suplementação de experiências mediadas, que assumem um papel cada vez maior no processo de formação do self. Os indivíduos dependem mais e mais de experiências mediadas para informar e remodelar o próprio projeto do self.

A crescente disponibilidade de experiência mediada cria assim novas oportunidades, novas opções, novas arenas para a experimentação do self. Um indivíduo que lê um romance ou assiste a uma novela não está simplesmente consumindo uma fantasia; ele está explorando possibilidades, imaginando alternativas, fazendo experiências com o projeto do self. Mas como as nossas biografias estão abertas para as experiências mediadas, nós também nos descobrimos atraídos por questões e relações sociais que ultrapassam os ambientes em que vivemos. Nós nos descobrimos não apenas como espectadores de eventos e de outros distantes, mas também como envolvidos com eles de alguma maneira. Somos liberados dos locais da vida cotidiana somente para nos descobrirmos dentro de um mundo de desconcertante complexidade. Somos chamados a formar uma opinião, a tomar uma decisão, ou até a assumir alguma responsabilidade por questões e eventos que acontecem em partes distantes de um mundo em incessante e crescente interconexão.

Viver num mundo mediado significa uma nova carga de responsabilidade que pesa gravemente sobre os ombros de alguns. Provoca uma nova dinâmica na qual o imediatismo da experiência vivida e as reivindicações morais associadas à interação face a face jogam constantemente contra as demandas e as responsabilidades provenientes da experiência mediada. Alguns indivíduos se fazem cegos e surdos a estes últimos apelos e procuram manter distância de acontecimentos que estão, de algum modo, distantes das pressões rotineiras da vida. Outros, estimulados pelas imagens e relatos da mídia, se lançam em campanhas em favor de grupos e de causas distantes. O caso de Graham Bamford, que depois de um banho de gasolina se transformou numa chama viva diante do Parlamento britânico, em protesto contra o governo por

ter falhado nas negociações para deter a tragédia na Bósnia, é certamente um exemplo extremo; mas ilustra expressivamente até que ponto o sentido de responsabilidade adquirida pela experiência mediada pode aproximar-se do projeto do self[24]. Muitos indivíduos tentam, o melhor que podem, seguir um caminho entre as reivindicações e responsabilidades oriundas dos contextos práticos da vida diária, por um lado, e aquelas provenientes da experiência mediada, por outro. Eles tentam encontrar um equilíbrio que dê sentido e justificação a suas vidas.

Esta circunstância moral é relativamente nova, como um fenômeno difusamente espalhado. Ela pôs em foco várias e complexas questões – relativas, entre outras coisas, ao impacto de longo alcance da ação humana e ao alto risco em jogo num mundo em crescente interconexão – que não se podem acomodar facilmente dentro das estruturas tradicionais do pensamento político e moral. No capítulo final irei explorar algumas destas questões com o objetivo de repensar algumas noções que as estruturas tradicionais nos legaram.